

Por Dr. Lauro Arruda Câmara, cardiologista

Título: NOEL NUTELS: o médico dos índios

Noel Nutels nasceu em Ananyev, Bessarábia (hoje Ucrânia), fronteira com Romênia, que fazia parte do império czarista, no ano de 1913. Era filho do sapateiro Salomão e de Bertha Nutels, que foi revolucionária - de fazer comícios em portas de fábricas- nos acontecimentos que antecederam à revolução russa de 1917. Sendo judeu, sua primeira língua foi o iídiche. Tinha uma única irmã, chamada Ana - seu irmão primogênito morreu de tuberculose um mês antes dele nascer.

Alguns meses antes do seu nascimento, seu pai viajou para a América do Sul, para a Argentina, onde sobrevivia vendendo sapatos. Em 1917, cansado e desiludido, Salomão Nutels resolveu retornar à Rússia. Embarcou em um navio alemão que fazia escala no Brasil. Em terras brasileiras, mais precisamente no Recife, teve notícia da declaração de guerra da Brasil à Alemanha do Kaiser. Confundido como alemão, foi perseguido e espancado por populares enfurecidos, não conseguindo retornar ao navio a tempo de prosseguir viagem. Foi para Alagoas, para uma pequena vila chamada Laje do Canhoto (hoje São José da Lage), onde tornou-se proprietário da Loja da Moda, que vendia de tudo: alpiste, botinas, ferramentas agrícolas, papel almaço, penicos de ágata etc. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, os familiares perderam o contato entre si, que só foi restabelecido em 1920. No ano seguinte, a família Nutels desembarca no Recife - a viagem foi no navio alemão Madeira, homenagem à ilha portuguesa. Naquela época era difícil e perigoso deixar a Rússia, pois não havia como conseguir visto diplomático, era preciso sair clandestinamente cruzando o rio Dniester, chegando à Romênia e de lá à Alemanha.

Foram residir em Laje do Canhoto, onde Noel iniciou seus estudos básicos. Depois, se transferiu para um colégio católico em Garanhuns. Ingressou na Faculdade de Medicina do Recife, concluindo o curso médico em 1936. Não foi um aluno brilhante, mas o certo é que todos gostavam dele - rapaz alegre, gostava de cantar e de contar anedotas. Nessa época de estudante sua mãe abriu a famosa Pensão de Dona Bertha, onde moraram amigos e colegas de Noel, que formavam a orquestra Jazz Band Acadêmica. Entre os componentes, gente que depois ficaria famosa: Ariano Suassuna, o compositor Capiba, o compositor Fernando Lobo e o escritor Rubem Braga, entre outros.

Em 1937, Noel foi para o Rio de Janeiro junto com a mãe - Salomão Nutels já havia falecido. A tuberculose era então, uma doença extremamente resistente e que grassava entre as populações de baixa renda. Os interesses de Noel se voltaram para a área de saúde pública, dada sua especialização como sanitarista e fisiologista. Conseguiu com um amigo um emprego no Ministério do Trabalho. Ao assinar o contrato de trabalho, descobriram que não era brasileiro e precisava se naturalizar. Esse processo, na época da ditadura de Getúlio Vargas, demorou um ano para ser concluído. Sem poder então trabalhar como médico e sem ter o que fazer, juntou-se ao grupo que fazia a revista de esquerda *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer. Lá, passou a conviver com José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e outros intelectuais. Em 1940, Noel casou-se com a prima Elisa e tiveram uma única filha, batizada de Bertha em homenagem à avó.

Logo depois de formado, por necessidade de sustentar a família, trabalhou no consultório de um colega, filho de um general. Em 1938, depois de obter a cidadania brasileira, mudou-se para Botucatu, São Paulo, para trabalhar no Instituto Experimental de Agricultura. Seguiu depois para o Rio de Janeiro, para a Companhia de Saneamento da Baixada Fluminense, aperfeiçoando-se no combate à malária.

Em 1943, Noel e a mulher Elisa foram contratados pela fundação Brasil Central, recém criada pelo ministro João Alberto (ex-movimento tenentista, ex-coluna Prestes) para desbravar e

colonizar regiões remotas do Alto Xingu e o Alto Araguaia -, era a marcha para o oeste. Foi o médico da primeira expedição Roncador-Xingu.

A partir do primeiro contato com os índios, que descreveu como **“criaturas da natureza em harmonia com o cenário; com o mato, com o rio, com as borboletas que ali voejam, com os pássaros pousados nas árvores, com o céu azul”** resolveu se dedicar à defesa das populações indígenas e à erradicação das doenças oriundas do contato com o homem branco. Noel era um desbravador, um descobridor. Passou a ser médico do Serviço de Proteção ao Índio (precursor da atual Fundação Nacional do Índio) e, em 1951, fez o curso da Campanha Nacional contra a Tuberculose. Seu trabalho final foi um plano de combate à tuberculose entre os índios.

Noel idealizou e dirigiu o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas, SUSAs, criado em 1956 pelo Ministério da Saúde, que levou os serviços de saúde pública ao interior da selva amazônica, com equipamentos radiológicos e laboratórios; para que isso acontecesse, conseguiu um avião Lodestar com o Ministério da Aeronáutica e um Douglas com a Confederação Nacional das Indústrias. Suas campanhas ficaram célebres: chegava em lugares remotos da selva anunciando vacinas, exames, tratamentos dentários, penicilina, tudo de graça. Para atrair a população local, aproveitava festas, procissões, mobilizava cantadores populares, sempre lutando com as dificuldades burocráticas e com a falta de verbas.

Em 1961, no governo de Jânio Quadros, foi inaugurado o Parque Nacional Indígena do Xingu, no Mato Grosso, consequência de anos de trabalho do Marechal Rondon, dos irmãos Villas Boas (Orlando, Cláudio e Leonardo), de Café Filho, de Darcy Ribeiro, de Noel Nutels e outros defensores da causa indígena.

De 1963 a 1964, Nutels dirigiu o Serviço de Proteção ao Índio. Além de 50 trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior, lecionou em cursos e seminários, no Serviço de Proteção aos Índios, na Universidade de Brasília e em diversas universidades nacionais e estrangeiras.

Faleceu no Rio de Janeiro aos 59 anos, vítima de câncer na bexiga, em 10 de fevereiro de 1973. Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre o amigo em sua coluna do jornal do Brasil:

“ Valeu? Valeu a pena/ teu cerne ucraniano/fundir-se em meiga argila brasileira/ para melhor sentires/ o primitivo apelo da terra”.

A biografia de Noel Nutels serviu como pano de fundo para o livro *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar.(Companhia das Letras-1997), fonte deste texto.